A linguagem e a afetividade na educação

Wagner Ribeiro de Carvalho[1]

[1]Professor Mestre em Estudo de Linguagens - IFBA – email: wagnercarvalho@ifba.edu.br

Resumo: A formação docente é um fator determinante para o bom andamento da prática educativa; o professor precisa estar preparado para assumir sua função de mediar à construção de conhecimentos de seus educandos. Neste sentido, se estudou no decorrer da pesquisa a relevância da afetividade e da emoção, de maneira discursiva, para o trabalho educacional com pessoas no contexto do PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. O uso da emoção atribui sentidos não puramente por questões biológicas, mas pelo jogo linguístico presente em toda enunciação, o que suscita a oportunidade de podemos defini os termos de um debate acerca de novos gêneros de discurso e processos de significação, abrindo espaços para uma interpretação das práticas sociais, políticas e culturais, não só no contexto em estudo como em outros contextos dos quais a emoção seja instrumento para a constituição de sentido do discurso. O enfoque dado à pesquisa constituiu-se em um marco para propostas pedagógicas que utilizem das análises discursivas fundamentadas na importância do estudo das sensações e da enunciação que compõem a emotividade no discurso.

Palavras–chave: Educação, Emoção, Linguística, PROEJA

1 Introdução

O que somos? O que é o humano? Habitualmente pensamos no humano, no ser humano, como um ser racional, e frequentemente declaramos em nosso discurso que o que distingue o ser humano dos outros animais é seu ser racional.

Dizer que a razão caracteriza o humano é pensar limitadamente, porque ficamos alucinados frente à emoção, que fica desvalorizada como algo animal ou como algo que nega o racional. Quer dizer, ao nos declararmos como seres racionais vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional.

Desse modo, percebemos que desde os primórdios da organização do homem em sociedade, vemo-nos envolvidos por um elemento humano que ultrapassa a nossa realidade, as emoções estão presentes no nosso cotidiano e estende seus elos por todos os setores de atividades em que nos encontramos. Os perigos do mundo são redimensionados e, por vezes, tornam-se desmesurados, atingidos pelo nosso olhar, pelo nosso discurso.

As emoções podem ser compreendidas como um elemento cultural comum a toda a humanidade. Ela é uma reação natural diante do conhecido e do desconhecido e, sobretudo, as emoções revelaram-se, ao longo dos tempos, uma construção social significativa e reveladora dos processos de sociabilidade.

As emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento. Do ponto de vista biológico, o que conotamos quando falamos de emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação. Na verdade, todos sabem isso na práxis da vida cotidiana, mas o negamos porque insistimos que o que define nossas condutas como humanas é elas serem racionais. Ao mesmo tempo todos sabem que, quando estamos sob determinada emoção, há coisas que podemos fazer e coisas que não podemos fazer, e que aceitamos como válidos certos argumentos que não aceitaríamos sob outra emoção.

Então percebemos que há décadas, buscam-se métodos e práticas educativas adequadas à realidade cultural e ao nível de subjetividade e de emotividade dos jovens e adultos, no entanto tais práticas não se apresentam na corporalidade, mas sim na linguagem, no discurso, na emoção.

O interesse pela pesquisa em questão surgiu a partir do contato com o trabalho desenvolvido na disciplina Língua Portuguesa, ministrada junto aos alunos do ensino médio, turmas do PROEJA, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, Campus da cidade de Valença - Bahia, onde se procurou apresentar os conteúdos programáticos da disciplina com a leitura de textos e produção textual contextualizados com as emoções, o cotidiano e a vivência entre os alunos do curso.

Por isso, ao longo dessa pesquisa, pretendeu-se conhecer e analisar os métodos e práticas educativas aplicadas no ensino de Língua Portuguesa quanto à leitura e produção de textos que através da emoção na linguagem, tragam contribuições para o processo de ensino aprendizagem no estudo de linguagens. Portanto, esse estudo contribuirá para um repensar do educador, principalmente o profissional com turmas de Educação de Jovens e Adultos, fazendo-o refletir sobre sua prática pedagógica, para que ajude na formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, não só na questão profissional, como também, nas questões do convívio social, da afetividade entre as pessoas e no controle das emoções que tanto direcionam a racionalidade de nossas decisões. O desafio posto para produzir conhecimento que relacione Linguagens, Discurso e Educação implica na problematização dos pressupostos clássicos sobre a relação entre o discurso, linguagem e a emoção; apontando pistas para o avanço da compreensão dessa complexa relação, que não se restringe a transmissão de mensagens e conhecimentos, mas, sobretudo, passa pela via da prática pedagógica, da relação professor-aluno e do papel que a escola desempenha na formação do indivíduo em sua convivência social.

Nesta pesquisa propôs-se novas ideias sobre a questão da afetividade e da emoção no cotidiano das práticas educativas de leitura e produção de textos e sobre as representações sociais na construção da identidade e da alteridade no discurso, em um processo sociopolítico para a construção de um indivíduo-cidadão. Assim, através de textos presentes em livros didáticos e impressos, produção textual dos alunos e dos discursos enunciados nas aulas de língua portuguesa investigará o papel do discurso da emoção no processo de ensino aprendizagem do ensino de língua, sob a ótica em que a linguagem, o discurso e a emotividade possam elucidar esta complexa relação existente entre os mesmos.

Esta pesquisa pretende deixar como legado, subsídios que orientem a elaboração de programas de educação de jovens e adultos e, consequentemente, também o provimento de materiais didáticos e a formação de educadores a ela dedicados, tendo a emoção como mais uma forma de compreensão dos processos de aprendizagem nesta modalidade de ensino.

Muitos professores que integram os programas de educação de jovens e adultos têm ou já tiveram experiências com ensino regular infantil e, baseados nessa experiência, colocam-se questões, como: os métodos e conteúdos da educação infantil servem para os jovens e adultos? Quais as especificidades dessa faixa etária? Procurando responder a essas indagações e aos desafios apresentados por seus alunos, vão tentando adaptações, mudanças de postura, de estratégias e de conteúdos, inclusive com o uso da emoção.

Então na reflexão pedagógica sobre essa modalidade educativa, tem especial relevância a consideração de suas dimensões social, ética e política. O ideário da Educação Popular, referência importante na área, destaca o valor educativo do diálogo, da participação e da afetividade, a consideração do educando como sujeito portador de saberes, que devem ser reconhecidos. Os educadores de jovens e adultos identificados com esses princípios têm procurado, nos últimos anos, reformular suas práticas pedagógicas, atualizando-as ante as novas exigências culturais e novas contribuições das teorias educacionais.

Posto assim, este trabalho contemplou estudos na área de análises discursivas e processos argumentativos, sendo sua maior perspectiva no campo da análise do discurso e; nos estudos pedagógicos que enfatizem a questão da afetividade e da emoção nos processos de aprendizagem

tendo como horizonte comum a visão de linguagem como uma prática que envolve atores sociais, em interação discursiva, e o grupo a que pertencem.

Atualmente as práticas pedagógicas que baseiam os estudos de leitura e interpretação de textos através de análises discursivas assumem alguns postulados pragmáticos sobre a constituição do sujeito, marcado por traços discursivos que o constituem e que, portanto, o singularizam, como um ser de linguagem. Nessa linha de raciocínio – postula-se – o sujeito não possui significado e pode ser demarcado e singularizado como uma rede de crenças e desejos, tecida na linguagem. A linguagem passa a ser postulada como aglomerado de causas interiores de um organismo singular. Em vez de sistema de representação e expressão, a linguagem é considerada um dos pilares constitutivos dos humanos, que se concebem como redes de crenças e desejos nomeados.

É nesse ponto que entra a questão do papel do discurso na constituição de significação na leitura e produção de textos, onde inferindo e mapeando as significações em nossa cultura, centrada na crença de que a linguagem e sua controladora (a mente, a alma) provêm de um ente superior, e de que ambas, portanto, representam e revelam fatos, leva-nos a acreditar "na verdade de uma declaração com a tese de que o mundo se divide, por si próprio, em fragmentos em forma de frases, chamados fatos" (KOCH, 1987). Se cada um de nós se constrói e é construído com matéria discursiva, com subjetividade e na nossa camada mais oculta, somos "signos linguísticos", em que as diferentes linguagens se articulam de forma complexa e com configurações individuais imprevisíveis.

Dentro desta visão, Bronckart (1999) afirma que a ação comunicativa pressupõe a linguagem como um instrumento mediador entre os interactantes sociais e apresenta-se sob três formas: teleológica, regrada e dramatúrgica. A ação teleológica objetiva a intervenção no mundo, formando opiniões sobre o estado de coisas existentes ou desenvolvendo intenções para modificar tal estado de coisas existentes. A ação regrada, por sua vez, prevê a adequação das interações às normas estabelecidas e reconhecidas socialmente. Finalmente, a ação dramatúrgica consiste no interesse dos sujeitos de uma interação em demonstrar algum aspecto de sua subjetividade, de modo a serem reconhecidos e aceitos socialmente. Estas três formas de ação articulam, respectivamente, três mundos – objetivo, social e subjetivo –, sucintamente descritos a seguir:

- **O mundo objetivo**, que diz respeito à veracidade dos enunciados. As afirmações sobre fatos e acontecimentos referem-se à pretensão de verdade;
- **O mundo social**, que diz respeito às regras estabelecidas no que concerne os atos da fala e de sua concordância com o contexto normativo vigente;
- **O mundo subjetivo**, formado pelas experiências e representações individuais, que levam o indivíduo a agir nos mundos objetivo e subjetivo.

Assim, considerando a própria realidade dos educandos, o educador conseguirá promover a motivação necessária à aprendizagem, despertando neles interesses e entusiasmos por meios de suas emoções, abrindo-lhes um maior campo para a apreensão do conhecimento. Os alunos querem ver a contextualização do que estão aprendendo e, ao mesmo tempo, precisam ser estimulados para resgatarem a sua autoestima, pois sua "ignorância" lhes trará ansiedade, angústia e "complexo de inferioridade". Esses jovens e adultos são tão capazes como uma criança, exigindo somente mais técnica e metodologia eficientes para esse tipo de modalidade.

2 Métodos e resultados iniciais

Este estudo parte do princípio de que toda comunicação é um processo contínuo, sujeito a mudanças decorrentes das transformações ocorridas no contexto social e histórico em que os indivíduos se encontram. A partir do contato estabelecido com o ambiente e com seus semelhantes, o homem adquire informações, desenvolve habilidades e estabelece valores. Desta forma, o processo comunicativo é fundamentalmente social e histórico, pois sua constituição está sujeita às influências de fatores externos ao indivíduo. A análise sócio discursiva constitui a base teórica sobre a qual foi calcado o presente estudo, e atribui à linguagem e à interação o papel de instrumentos essenciais na construção do conhecimento e na formação dos indivíduos.

Segundo a problemática abordada, buscou-se elucidar as questões levantadas através da seguinte metodologia:

- inicialmente caracterizar a o processo de ensino aprendizagem de leitura e produção de textos, buscando compreender a relação entre afetividade e aprendizagem com suas especificidades;
- compreender o discurso da emoção e sua abordagem na sala de aula sob os pontos de vista pedagógico e legal;
- destacar as concepções teóricas que embasaram as análises;
- realizar um levantamento do material didático utilizado no curso do Proeja - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos a Nível Médio, no curso de Aquicultura e Turismo, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, *Campus* da cidade de Valença – Bahia e nas produções textuais dos alunos, na busca de textos e discursos que demonstrem em sua enunciação aspectos emotivos que favoreçam a compreensão dos mesmos;
- analisar o *corpus* pesquisado e selecionado.

Visto desta forma, realizaram-se estudos avançados sobre a análise discursiva e os processos argumentativos utilizados pelas pessoas, pelos textos didáticos e pela oralidade, buscando relacionar a materialidade linguística dos textos com a questão da afetividade/emotividade na prática pedagógica do ensino de língua.

Portanto, o nosso objeto de estudo tendeu a ser conceituado como o conjunto de enunciados, atitudes ou processos intencionais formados por termos linguísticos próprios do momento histórico, como: sensações vivenciadas, especulações e indagações surgidas a cada momento, emoções provindas de maneira individualizada e coletivamente, pensamentos e expectativas.

Por conseguinte, em nossas buscas bibliográficas verificamos que há uma grande escassez de estudos que abordem a questão do discurso relacionado aos processos de aprendizagem, principalmente tratando do ponto de vista da emoção.

3 Conclusão

Compreender a emoção constituída pelo discurso, atravessada pela historicidade e pela cultura, produzindo sentidos materializados no linguístico torna esta pesquisa de caráter inédito e; a partir daí, relacionar tais discursos presentes nas práticas pedagógicas com o ensino de jovens e adultos como suporte para o processo de ensino aprendizagem demonstra um novo olhar em tais práticas educacionais.

Pensar a abordagem linguístico-discursiva na análise de textos lidos e produzidos pelos alunos, a nosso ver, é o procedimento teórico e analítico que melhor se adapta aos propósitos da investigação e aos mecanismos que definiram o *corpus* e estabeleceram a análise, aproveitando a experiência vivenciada em sala de aula, como professor de língua portuguesa, verificamos que a construção e a manifestação da emoção advêm não apenas de uma reação biológica, mas também de uma construção discursiva montada numa rede de significações e ressignificações, do mundo do já-dito e da memória discursiva, e que se constitui enquanto resposta ao desconhecido ou à ameaça.

Ao buscar entender a emoção não somente como um elemento biológico, mas também como uma construção discursiva, nos suscitou a oportunidade de podemos definir os termos de um debate acerca dos processos de significação, da memória discursiva e do interdiscurso, que abrem espaços para uma interpretação das práticas sociais, políticas e culturais, não só da época em estudo como de outros contextos do qual a emoção constitua sentidos nos discursos.

Percebemos que a questão da emoção na educação pode também ser abordada em duas cronologias: na educação infantil e na educação básica de jovens em progressão regular onde a afetividade traduz-se em jogos, na expressão corporal e atividades lúdicas que trazem a emoção para os conteúdos programados no currículo escolar nestes níveis de ensino e; em outra abordagem há a educação básica de jovens e adultos que não mais está disposta em utilizar do aparato dos jogos infantis e de atividades lúdicas e corporais para transcrever para a sala de aula, o

complemento emotivo no processo de aprendizagem do conteúdo programático, mas sim da matéria discursiva dos textos, da oralidade dos colegas e dos professores e de todo referencial midiático presente na escola e no mundo vivenciado pelos alunos do ensino fundamental e médio.

Então, a escola como instituição definida como responsável por transmitir todo o conhecimento "racional" acumulado pela humanidade se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. O racional se constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem, para defender ou justificar nossas ações. Normalmente enunciamos nossos argumentos racionais sem fazer referência às emoções em que se fundam, porque não sabemos que eles e todas as nossas ações têm um fundamento emocional, e acreditamos que tal condição seria uma limitação ao nosso ser racional.

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem. A educação como "sistema educacional" configura um mundo, e os educandos confirmam em seu viver o mundo que viveram em sua educação.

Em sua grande parte, PROEJA é oferecida no turno noturno, onde seus alunos trabalham durante o dia, o que faz do professor de PROEJA um verdadeiro malabarista, dividido entre manter os alunos acordados, devido ao dia cansativo que tiveram, e proporcionar um conteúdo atrativo, para que os mesmos não desistam do processo escolar. É bem verdade que a maioria dos alunos sente-se satisfeita em somente aprender a escrever seus respectivos nomes, tendo o professor, mais um problema em seu fazer pedagógico. Tendo em vista estes entraves, é inútil utilizar-se de livros, cartilhas e outros materiais que aproximam o adulto da criança, não há como utilizar da afetividade da mesma forma que com crianças. Estes recursos descontextualizados não contemplam a realidade do público alvo da Educação de Jovens e Adultos. Não há como falar na construção de um sistema que garanta a existência estável de um campo semântico das emoções. Os termos linguísticos por si sós, nas condições de discurso, não garantem a construção dos sentidos, afetivos ou não, porque o uso da linguagem, o "falar depende não só de um saber prévio de recursos expressivos disponíveis, mas de operações de construção de sentidos destas expressões no próprio momento da interlocução" (GERALDI, 1991, p. 9). Pode-se dizer que os signos de cunho afetivo apresentam um potencial semântico próprio da língua, mas a consideração do contexto concreto de sua realização é fundamental para sua definição.

Os elementos linguísticos que apareceram nos discursos de professores e alunos podem ser definidos como índices de contextualização do discurso de emoção, uma vez que é pela combinação de diferentes elementos (entonação, recursos linguísticos, razão das produções do discurso) que se realiza o investimento afetivo em termos discursivos.

A Educação de Jovens e Adultos representa uma possibilidade que pode contribuir para efetivar um caminho e desenvolvimento de todos os indivíduos, de todas as idades, cabendo ao professor na sua função de mediador do conhecimento, ter uma base sólida de formação.

Assim, a educação é um processo contínuo que dura toda a vida, e que faz da comunidade onde vivemos um mundo espontaneamente conservador, ao qual o educar se refere. Isso não significa, é claro, que o mundo do educar não mude, mas sim que a educação, como sistema de formação da criança e do adulto, tem efeitos de longa duração que não mudam facilmente.

Entendemos assim que emoções básicas são socialmente construídas. Quando aprendemos um termo para designar uma emoção, aprendemos segundo o jogo linguístico no qual aquele sentimento é nomeado; no entanto não somente o linguístico, mas também a ideologia, o discurso, suas condições de produção e suas especificidades devem ser consideradas na apreensão pelo sujeito, dos sentidos aí apresentados.

Assim, diferentes culturas apresentam variações na constituição de sentidos de determinadas emoções, bem como quais emoções são mais relevantes para uma comoção generalizada em cada sociedade. Cada cultura, em contextos sócios históricos distintos, estabelece formas e lugares em que se apresentam determinadas emoções que compõem o seu léxico, em que a linguagem tem um papel fundamental. A linguagem consiste, assim, em uma ferramenta necessária para que as emoções tomem uma modelação que é principalmente circunstancial e contingencial, porque é através dela que derivam os sentidos das emoções.

O estudo permitiu verificar que, em cada época, há um conjunto de práticas discursivas engendrada sobre um determinado objeto que produz determinadas emoções, com uma fisionomia histórica singular, uma determinada objetivação; já em outra época haverá uma objetivação muito diferente. As emoções não têm a tendência de tomar sempre o mesmo aspecto, assim como na educação os olhares do fazer educativo se apresenta de maneira diferente a depende da época em estudo.

4 Referências

BAKHTIN, M. **Discurso na vida e discurso na arte**. Trad. inédita de Cristovão Tezza do artigo "Discourse in Life and Discourse in Art", publicado como apêndice in: VOLOSHINOV, V.N. Freudianism: a marxist critique. New York: Academic Press, 1976.

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV) **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995 [1929a].

BRONCKART, J.P. **Atividade de Linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Educ, 1999.

DIJK, T. A. Van. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.

HABERMAS, J.. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara,1987.

KOCH, I.G.V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez Editora, 1987.

KOCH, I.G.V. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB fácil**: Leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo. Petrópolis: Vozes, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo **A experiência do MOVA**. SP/ Brasil. Ministério da Educação e Desporto. Instituto Paulo Freire; Organização de Moacir Gadotti. São Paulo, 1996.

FUCK, Irene Terezinha. **Alfabetização de Adultos**. Relato de uma experiência construtivista. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GERALDI, João W. (1991). **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes.

HADDAD, Sergio. **Estado e Educação de Adultos** (1964 - 1985). São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1991. 360 p.

MATURANA R., Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**; tradução: José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

WALLON, H. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa, 1975.

WALLON, H. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1989.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1998.

VII CONNEPI
Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação
PALMAS . TOCANTINS . 2012
19 a 21 de outubro - Ciência, tecnologia e inovação: ações sustentáveis para o desenvolvimento regional